

Alfredo Naffah Neto, IBPW/IWA/PUC-SP entrevista concedida para Daniela Guizzo, IBPW/IWA*

***Link para a entrevista no Instagram do IBPW:
<https://www.instagram.com/p/CbgW5S3pytM/>***

Daniela Guizzo

Naffah, obrigada por ter aceito o convite do IBPW para participar da primeira entrevista do *Boletim Winnicott no Brasil*, um projeto novo do IBPW para a divulgação da pesquisa winnicottiana no Brasil e no mundo. Essa entrevista vai ser transcrita para o *Boletim Winnicott no Brasil* e ficará disponível no site; nossa imagem ficará salva no Instagram e o áudio ficará no canal do Instituto no Spotify. Nossa intenção é dar visibilidade aos pesquisadores que se debruçam sobre o trabalho de Winnicott. E é uma alegria e uma honra tê-lo como nosso primeiro entrevistado, que é uma pessoa sempre muito disponível para o IBPW. Você tem cadeira cativa nos nossos colóquios, né Naffah? Agradeço sua presença hoje e espero que essa entrevista seja bastante frutífera para as pessoas que irão nos assistir.

Alfredo Naffah Neto

Obrigado, Daniela. Para mim também é um prazer estar aqui conversando com você.

Daniela Guizzo

Ah, que bom! Então, Naffah, quero começar com você pelo começo. Queria saber como você chegou até Winnicott, como iniciou suas pesquisas, se teve alguma orientação quando começou. Queria que você falasse um pouquinho sobre isso.

Alfredo Naffah Neto

Dou aula no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC de São Paulo desde 1978. E me lembro de ter tido uma orientanda de mestrado que, de repente, resolveu mudar de autor e trabalhar com Winnicott. Na época, fiquei um pouco surpreso e nem quis continuar com a orientação, porque não conhecia praticamente nada de Winnicott. Não lembro quando foi isso, acho que anos 70 ainda, ou começo dos anos 80, não me lembro bem.

Eu não tive uma formação psicanalítica propriamente dita, quer dizer, eu *fui virando* psicanalista. Meu primeiro analista era da linhagem kleiniana/bioniana. Mas, antes de virar

* Entrevista originalmente veiculada ao vivo no Instagram, em 24 de março de 2022.

analista, eu tinha passado cerca de 20 anos trabalhando com psicodrama e depois passei por um período de transição até virar psicanalista. Primeiramente, adotei a corrente de meu analista, que era Klein e Bion, de modo que comecei a trabalhar nessa tradição Klein/Bion.

Quando foi lá pelo começo dos anos 90 – 93, 94, não lembro bem a data – a Elsa Oliveira Dias, que era minha amiga já há muito tempo, perguntou se eu poderia orientar sua tese de doutorado, que era sobre a teoria das psicoses em Winnicott. Eu lhe disse: “Olha, Elsa, eu posso te orientar na parte formal. Sei bem o que é uma tese, como ela tem que ser escrita, todo o procedimento acadêmico, sei ver se os textos estão claros, mas eu conheço muito pouco do Winnicott. Então, na parte conceitual mesmo, você vai ter que ‘se virar’. Eu vou te orientar mesmo na parte formal.” E assim foi; só que, para orientar a Elsa, obviamente, eu tive que estudar Winnicott, porque minimamente eu tinha que ajudá-la a ver o que estava escrevendo, revisar os textos etc. e tal. Assim, eu tive uma entrada primeira, não é? Tive que mergulhar um pouco nos textos do Winnicott para poder orientar a Elsa, para poder ajudá-la na discussão das ideias, pois, mesmo que fosse uma orientação formal, eu – como orientador – tinha uma certa obrigação de ajudá-la, ver se estava tudo claro, se o caminho que ela estava percorrendo era um bom caminho. Então eu tive que estudar Winnicott.

Só que entre estudar, conhecer conceitualmente e assumir isso na clínica, levou um outro tempo. Foi um processo que aconteceu quando recebi minha primeira paciente *borderline*, só que eu não tinha nem noção ainda do que era isso; na época, eu era recém-analista. Eu me lembro de que tudo que eu tentava interpretar ela recusava. Nada do que eu falava era bom ou servia. E eu, dentro da perspectiva bioniana, interpretava isso como um ataque ao vínculo analítico. Falava e interpretava a dificuldade dela de lidar com a realidade e aceitar qualquer interpretação, sem atacar o vínculo. Só que essas interpretações caíam num vazio; ela não absorvia nada. Houve um momento em que eu disse: “Bom, vou ter que mudar tudo. Para poder cuidar dessa mulher, vou ter que mudar a técnica, repensar tudo.” Comecei a voltar para o velho procedimento freudiano e pensei em retomar a associação de ideias. Quando ela trazia algum tema, eu pedia: “O que isso te evoca?” Ou: “O que essas coisas te lembram?” E ela começou a trazer lembranças da infância, da sua relação com a mãe. E eram todos temas winnicottianos. Aí, eu pensei: “Bem, para poder analisar essa moça, para poder lidar com essas coisas, vou precisar estudar mais Winnicott.” Foi assim que fui saindo da perspectiva kleiniana/bioniana e entrando na perspectiva winnicottiana, muito vagarosamente, porque o fato de você conhecer um autor teoricamente é totalmente diferente de começar a utilizá-lo em seu manejo clínico. Mas foi com essa paciente que eu comecei, que eu tive de fazer essa guinada. E fui gostando porque deu certo. Ela começou a trazer temas e eu comecei a escutá-la muito mais, e a ajudá-

la, fazendo perguntas etc. e tal. A coisa foi transcorrendo e a análise entrou num período de muito mais calma, desapareceu toda aquela transferência negativa que ela tinha desenvolvido comigo ao longo do tempo. Eu lhe disse: “Bom, acho que esse é um caminho bom de trabalhar” e comecei a estudar mais e a utilizar Winnicott com outros pacientes também. Foi um caminho longo, não é? Quer dizer, isso deve ter sido no fim dos anos 90¹.

Daniela Guizzo

Mas teve um impacto importante, Naffah, tanto para a sua clínica como para sua escrita como psicanalista, não é?

Alfredo Naffah Neto

Hoje, eu trabalho muito nessa linhagem Ferenczi/Winnicott. Considero Ferenczi uma espécie de precursor do Winnicott e trabalho muito nessa linhagem que vem do Ferenczi e chega a Winnicott. Acho que essa linhagem é muito rica e que dá conta da minha clínica. Sempre digo que não preciso fazer incursões na tradição kleiniana ou em outros autores, porque esse universo já é tão multifacetado e tão rico que, para explorá-lo, acho que levaria uma vida inteira. E ele me é muito útil e me basta atualmente. Vai fazer quase 30 anos que estudo Winnicott e eu o estudo sozinho: fui pegando os textos e lendo. Fiz um mestrado em filosofia que me ensinou muito a ler texto, entender o que o autor está dizendo, a fazer uma leitura parágrafo por parágrafo, muito detalhada. Isso me ajudou muito, porque o Winnicott não é um autor fácil, é um autor muito difícil. Por quê? Porque ele não tem o trabalho todo publicado em forma de livros organizados por temas, como Freud, por exemplo. Freud é um autor mais fácil, porque ele está todo publicado em livros organizados. Winnicott não: é um conjunto de conferências, conferências que muitas vezes se repetem, as vezes alteram coisas já ditas etc. Se você não tiver uma cronologia da obra, você se perde. Mas como chegar a uma cronologia da obra? Estudando, lendo os textos na ordem cronológica de preferência, não é? E usando-os na clínica e descobrindo qual é o uso. Isso a gente vai resolvendo na prática.

Daniela Guizzo

Naffah, eu fui me preparar para a nossa entrevista lendo seus livros e artigos. No livro *Veredas psicanalíticas: À sombra de Winnicott* você retoma uma série de artigos antigos seus, escreve logo no início que está reescrevendo-os e afirma que ao longo dos anos foi refinando sua escrita sobre Winnicott, não é?

Queria que você falasse um pouco sobre esse processo de refinamento da sua escrita.

¹ Na entrevista gravada, eu disse, “no meio dos anos 90”, mas aqui corriji, em função de uma averiguação mais detalhada.

Alfredo Naffah Neto

Veja, o refinamento vai ocorrendo a partir do momento em que você vai conseguindo entrar nas filigranas do texto, não é? Winnicott é um autor difícil, é um autor cuja obra vai se transformando ao longo do tempo: por exemplo, a noção de falso self vai aparecer num certo momento da obra dele. Antes, também, não existia diferença entre clivagem e dissociação, que vai aparecer só em *Natureza humana*, que é o último livro, que ele nem concluiu porque morreu antes. Então você vai refinando a escrita na medida em que vai entrando nas filigranas da obra, nessas pequenas sutilezas e mudanças que vão dando forma e transformando a obra ao longo do tempo.

E todas elas partem da clínica. Winnicott era um clínico por excelência! Tudo que ele escreve, tudo que ele transforma, tudo que ele altera é baseado na experiência clínica.

Daniela Guizzo

Naffah, uma coisa que percebi lendo você e que achei interessante é que você gosta de fazer suas próprias traduções; por exemplo, na tradução tradicional, *interplay* é traduzido por interação, mas você traduziu por interjogo, advertindo que “é a minha própria tradução”. Achei isso superlegal. Você aprecia fazer suas próprias traduções ainda?

Alfredo Naffah Neto

É porque leio Winnicott em inglês. Por quê? Porque as traduções de Winnicott são péssimas, péssimas!! Tem coisas muito erradas. Não tenho essa obra completa que saiu agora, que é muito mais completa, que é toda cronologicamente organizada, mas eu tenho o conjunto das obras em inglês que existia anteriormente, de modo que leio sempre em inglês. E, como leio em inglês, quando vou fazer a citação, tenho que eu mesmo traduzir. Há livros que nem tenho em português, então a tradução tem que ser minha, mesmo, tenho que traduzir do inglês. Mas confio mais na minha tradução do que nas traduções que existem, que são péssimas!

Daniela Guizzo

Eu percebi. Achei bem interessante que isso é uma coisa recorrente na sua escrita, “A tradução é minha”. É muito legal. Tem um trecho também nesse livro que você diz: “Nos dias de hoje, a psicanálise ainda não existe no singular, mas somente no plural. O que há são psicanálises. E dentro do universo, Winnicott, infelizmente, ainda ocupa uma posição quase marginal.”

Você escreveu isso em 2018; você falaria outra coisa hoje em dia?

Alfredo Naffah Neto

É que, há algum tempo, alguns anos atrás, fui a Londres assistir a um seminário sobre Winnicott. Aliás, fui junto com Nelson Coelho Júnior, a esposa dele, a Patrícia, minha mulher, foi um grupo. O Nelson, inclusive, ia apresentar um *paper* lá, junto com uma orientanda dele, e o que

descobri é que (isso foi em 2006)², Winnicott, na Inglaterra, é muito pouco conhecido. O que vi nesse seminário, em Londres, é que as pessoas não conheciam a obra dele. Elas conheciam pedacinhos. Por exemplo, todo mundo fala muito em objeto transicional, parece que o objeto transicional virou uma espécie de conceito-mor da obra winnicottiana. Claro que é um conceito fundamental, mas é apenas *um* conceito de uma obra inteira de um autor. E o que ouvi, nesse seminário, foram fragmentos de Winnicott enxertados no todo da teoria kleiniana, ou seja, o que percebi é que os ingleses ainda olhavam e viam Winnicott como uma espécie de enxerto, ou apêndice, da teoria kleiniana. E isso na Inglaterra!

Ah, tem mais um detalhe: todo o acervo da casa dele, que tinha sido doado pela esposa para a Sociedade Britânica de Psicanálise, quando fui para esse seminário, estava todo encaixotado ainda. Não tinham nem se dado ao trabalho de tirar dos caixotes as coisas que a esposa dele doara para a Sociedade Britânica de Psicanálise! Então, veja, é um autor muito pouco considerado no país onde foi duas vezes presidente da Sociedade Britânica de Psicanálise.

Claro que hoje em dia existem grupos psicanalíticos estudando Winnicott pelo mundo inteiro. Vi isso agora em 2017, no Congresso de Paris de que participei, quando fui junto com a Elsa e o Zeljko dar supervisão para os chineses, lá em Beijing. Depois a gente teve um congresso da IWA, em Paris, e percebi muito grupos se organizando no mundo inteiro e estudando; de modo que, hoje, Winnicott já é um autor mais estudado, mais lido, em vários lugares do mundo. Por isso surgiu a IWA, International Winnicott Association, juntando esses grupos todos, quer dizer, o Zeljko e a Elsa tentando arrebanhar esse pessoal para formar um todo mundial, que possa trocar experiências nesses congressos, nesses acontecimentos de troca.

Daniela Guizzo

Sim, Naffah. Ainda nesse livro de que eu estou falando...

Alfredo Naffah Neto

O problema desse livro é que eu caí numa espécie de esparrela, porque a editora me ofereceu fazer o livro sem me pagar nada. Só que eu não sabia que eles iam colocar um preço de capa absolutamente exorbitante. E colocaram um preço absolutamente exorbitante porque são uma empresa europeia que publica livros brasileiros, em português também, mas cobram tudo em euro. Assim, um livro custar mais de 70 euros é um absurdo, ninguém consegue pagar um livro assim! Eu mesmo tenho apenas dois exemplares do livro, que comprei num dia em que eles me

² Na entrevista gravada, dei uma data bem posterior, mas depois fui conferir a data exata e descobri que foi 2006.

fizeram uma oferta e consegui pagar um preço menor. É uma pena, é uma pena, mas não posso fazer nada! O livro vira propriedade da editora e é a editora que resolve o preço que vai pôr. Eu simplesmente disse para eles: “Olha, eu não tenho nem como recomendar um livro assim, porque as pessoas não podem pagar esse preço absurdo que vocês cobram”.

Daniela Guizzo

Mas não tem como você publicá-lo aqui novamente em outra editora?

Alfredo Naffah Neto

Tenho a impressão de que tem que esperar um tempo, esgotar a edição, o contrato com eles... Mas esses artigos estão todos publicados, também, em revistas de psicanálise. Embora tenham sido modificados um pouco na revisão que fiz para publicar no livro, eles são acessíveis também nas revistas originais onde foram publicados. Por isto que também acabei largando mão, não sei muito lidar com essas coisas, Daniela. Agora vai sair um livro sobre depressão que se chama...

Daniela Guizzo

Eu anotei aqui para perguntar sobre isso, se chama *Perto das trevas*.

Alfredo Naffah Neto

Isso: *Perto das trevas: A depressão em seis perspectivas psicanalíticas*, livro organizado por mim e pelo Alexandre Patrício de Almeida, que é meu orientando, doutorando, um cara muito legal. O livro surgiu de seminários que dei no programa de pós-graduação, no qual eu retomava e interpretava o relato de outro livro. É o relato de um autor americano, sobre o processo de depressão dele. É um livro publicado, que foi traduzido para o português como *Perto das trevas*; em inglês chama-se *Darkness visible*.

Daniela Guizzo

Vi que o capítulo 5 é seu, né? “Darkness visible: interpretação da patologia depressiva a partir de Winnicott”. Eu ia até te perguntar se essa era sua mais recente publicação.

Alfredo Naffah Neto

Sim, é a mais recente publicação, o livro acabou de sair em formato digital e saiu agora em formato de papel no final de abril. No curso da PUC, eu fazia uma leitura freudiana, kleiniana e winnicottiana do relato, mas no livro, agora, ampliamos para uma leitura freudiana, ferencziana, kleiniana, bioniana, winnicottiana e lacanianiana. São seis leituras diferentes do mesmo quadro depressivo descrito pelo escritor americano. E é por isso que digo que a psicanálise é múltipla. Você pega um mesmo quadro depressivo e dá para seis psicanalistas, baseado em seis referenciais psicanalíticos diferentes para interpretar aquilo, e você vai ter diferentes leituras do mesmo quadro, que às vezes se cruzam, às vezes sequer se cruzam. Se

você pensar, por exemplo, na perspectiva winnicottiana e na perspectiva kleiniana, até existem pontos de cruzamento, mas se pensar na perspectiva winnicottiana de leitura e na perspectiva lacaniana, por exemplo, não tem cruzamento nenhum, são interpretações completamente diferentes.

Daniela Guizzo

A propósito disso que você está falando, Naffah, das dificuldades de publicação. Por isso que é importante o *Boletim Winnicott no Brasil*, em que a gente está procurando reunir a autobiografia intelectual de pesquisadores como você e vai mostrar para todo mundo todos os seus artigos, onde encontrar, como ler. Isso é muito importante.

Alfredo Naffah Neto

Perfeito. Esse último livro é da editora Blucher e a gente teve uma experiência totalmente diferente, fomos muito bem recebidos, a editora fez um trabalho excelente com o livro, a gente está muito satisfeito com o trabalho deles.

Daniela Guizzo

Que legal, Naffah. Eu particularmente adorei o livro e, me preparando para a entrevista, não paro de ler, acho muito legal.

Ainda, sobre o livro anterior: tem um momento em que você faz uma citação de Winnicott ao falar sobre pacientes *borderline*. Você escreve assim: “O que o texto de Winnicott me mobiliza de cara é a associação entre deslizar entre as diferentes formas de análise o ato de dançar. Dançar ao som do inconsciente, dos seus ritmos, das suas melodias desconhecidas, talvez por isso se diria que esse tipo de trabalho não é para principiantes”. Então eu queria que você falasse um pouco para a gente dessa dificuldade. Não é fácil ler Winnicott, é?

Alfredo Naffah Neto

Não, não é fácil. Fiz essa citação porque Winnicott diz que a gente está sempre, seja com pacientes neuróticos, muitas vezes, ou mesmo com pacientes *borderline*, sempre deslizando para diferentes tipos de manejo em função do tipo de transferência que está acontecendo, sendo que às vezes acontecem tipos diferentes de transferência na mesma sessão. Você pode ter um paciente, em um momento, fazendo associações livres e no momento seguinte vivendo um processo regressivo ali no divã ou mesmo sentado na poltrona. São manejos diferentes em função dos diferentes tipos de transferência que acontecem ali. Você tem, um pouco, que deslizar de um manejo para o outro com certa sagacidade, com certa fluidez, em função do que está acontecendo na sessão.

Claro, nós todos sabemos que, para Winnicott, é fundamental o diagnóstico, e o diagnóstico não se faz de cara, ele se faz ao longo do processo. Mas mesmo com o diagnóstico

feito, mesmo você sabendo que é um paciente, por exemplo, esquizoide, ele terá momentos de funcionamento mais próximo do neurótico e momentos de intensa regressão, que exigem manejos totalmente diferentes, às vezes numa mesma sessão. Por isso, você tem que deslizar um pouco como um bailarino pelos manejos, pelas formas possíveis de trabalhar, em função do que está acontecendo no aqui e agora.

Daniela Guizzo

Senti isso lendo seu livro *Veredas psicanalíticas à sombra de Winnicott*, que indico para quem nos está assistindo. Leio mais um trecho aqui, sobre sua preocupação com precisões diagnósticas: “A avaliação winnicottiana de não ter feito nenhuma grande contribuição à psicanálise das neuroses era mais fruto de uma modéstia do que qualquer outra coisa”. Me chamou atenção isso, e esse tema das precisões diagnósticas é muito presente na sua escrita, não?

Alfredo Naffah Neto

Sim, sim. Porque Winnicott fez contribuições importantes para a elucidação da estrutura da neurose obsessiva e isso é muito pouco tratado em geral. Fala-se muito de Winnicott no tratamento dos *borderline*, dos esquizoides etc. e tal, mas mesmo para a neurose obsessiva ele trouxe contribuições muito próprias e muito interessantes. Não é verdade que ele não contribuiu nada para a análise das neuroses; ele contribuiu também. É verdade que ele fala muito pouco, quase nada, da histeria, mas digamos que a histeria foi a grande neurose tratada por Freud. Digamos também que a histeria do tempo do Freud, aquelas histéricas que ficavam paralíticas, que ficavam cegas, histericamente paralíticas, não existem mais hoje em dia. As doenças foram mudando e evoluindo com o tempo. Não estou dizendo que histeria não exista mais, estou dizendo que aquele tipo de histeria raramente se vê hoje em dia. É um outro tipo de histeria.

Daniela Guizzo

Naffah, eu li um outro artigo seu para a *Revista Brasileira de Psicanálise* com o título “Com os pés no chão: sobre como se pode sonhar a conquista de um corpo próprio em um processo de análise”, no qual você faz a análise de um caso *borderline* e escreve sobre a possibilidade de analisar sonhos nesses casos. E mostra uma nova perspectiva de análise de sonho. Você poderia falar um pouco para as pessoas sobre esse artigo, sobre a possibilidade de associação do *borderline* com o sonho? Você escreveu de forma muito didática e eu indico muito esse seu artigo para quem está nos assistindo aqui e que se interesse por pesquisa winnicottiana.

Alfredo Naffah Neto

Sim. Bom, eu sou professor há mais de 50 anos na PUC, de modo que tenho certa obrigação de ser didático, digamos assim. Sobre a questão dos sonhos, Freud fez uma grande obra e é graças

a ele que nós pudemos chegar onde chegamos, mas Freud tratou dos neuróticos. Toda a parte clínica da obra do Freud é dedicada ao tratamento de neuróticos. Embora ele tente falar de esquizofrenia, caso Schreber etc. e tal, Freud achava que a psicanálise não poderia tratar das psicoses. Então a análise e a interpretação dos sonhos são montadas em cima da estrutura neurótica; por isso Freud pode dizer que o sonho é sempre a realização de um desejo sexual inconsciente. Por quê? Porque as neuroses gravitam todas em torno do complexo de Édipo, conflitos edipianos, e, portanto, os sonhos dos neuróticos em geral estão ligados a desejos sexuais recalcados, ligados a esses conflitos edipianos.

Agora, quando saímos das neuroses e vamos para as não-neuroses, para as patologias *borderline*, para os esquizoides ou esquizofrênicos, é outro tipo de trabalho onírico. Não se trata mais necessariamente de desejo sexual inconsciente. Inclusive, na perspectiva winnicottiana, os pacientes *borderline*, esquizoides, muitas vezes não têm nem uma sexualidade inteiramente formada ainda. Muitas vezes, é uma falsa sexualidade, uma sexualidade toda formada com base no falso self. Por exemplo, eu tinha um paciente *borderline* que dizia assim: “Algumas vezes eu tenho que transar com várias prostitutas para não me sentir dissolvendo no nada”. Veja bem, não é uma sexualidade verdadeira, usada como busca de prazer, é uma sexualidade usada como busca de um mínimo de integração psicossomática. Ou seja, não é uma sexualidade, é uma falsa sexualidade. É uma “sexualidade” usada para fins muito mais *primitivos* do que os fins sexuais, a busca do prazer sexual. No caso citado, está ligada à tentativa de evitar o colapso, a desintegração.

Daniela Guizzo

Por isso você escolheu o título desse artigo: “Com os pés no chão”.

Alfredo Naffah Neto

Sim, é porque esse paciente tinha uma integração psicossomática muito precária, vivia em um falso self intelectual. Um falso self hipertrofiado e cindido do restante da personalidade. Nessa época, ele sonhava que voava, estava sempre voando nos sonhos, e quando conquistou uma integração psicossomática, no processo de análise, ganhou um peso, uma gravidade, e começou a sonhar que deslizava em *skates*. Então veja, há uma mudança de voar para deslizar em *skates*, que é sobre a terra, pisar na terra. O que eu mostro é que nesse tipo de paciente, muitas vezes o sonho tem muito mais a ver com uma mudança na esfera do funcionamento psicossomático, que é um funcionamento dissociado, se não cindido, e passa a ser um funcionamento integrado, não alguma questão de desejo sexual reprimido inconsciente, porque não é um paciente neurótico. Winnicott tem a noção de *elaboração imaginativa das funções corporais*, que é uma noção ampla, e que também serve para o modelo freudiano. A gente pode dizer que, nos

neuróticos, a elaboração imaginativa dos sonhos se faz sobre as funções corporais sexuais, associadas ao complexo de Édipo. Portanto, é uma noção mais ampla, mas que pode englobar também a teoria freudiana de interpretação dos sonhos.

Daniela Guizzo

O artigo é lindo, Naffah. A descrição desse caso, a passagem descrevendo o sonho dele de voar e depois de andar no skate é muito bonita. Ainda sobre artigos seus, há um outro que chama “Apontamentos sobre a análise de uma paciente esquizoide de uma perspectiva winnicottiana”, contendo um importante relato de caso clínico, e nele você descreve o caso e escreve sobre o conceito de análise modificada. Sua forma de escrever é – novamente faço um elogio – muito didática, lembra bastante a escrita de Winnicott. Você toma os relatos clínicos de Winnicott com essas associações teóricas como modelo de pesquisa, como modelo para suas pesquisas?

Alfredo Naffah Neto

Nunca pensei nisso, Daniela. Nunca pensei, mas pode ser que eu tenha sido influenciado de alguma forma. A gente nunca sabe. Aprendi a escrever, na verdade, no mestrado de filosofia que fiz na USP com a orientação da Marilena Chauí. Quando terminei o curso de psicologia, fui fazer um mestrado em filosofia. Naquela época, eu era muito vidrado por filosofia e muito interessado em fenomenologia e, naquela época, quem trabalhava com fenomenologia na USP era a Marilena Chauí, de modo que fui fazer orientação com ela e foi na faculdade de filosofia que eu aprendi de fato a ler e escrever. Mas essa escrita foi se refinando ao longo do tempo e eu posso ter me inspirado nos escritos de Winnicott, mas nunca me dei conta disso. Nunca tinha pensado nisso, mas pode ser que tenha acontecido, sem nem eu mesmo perceber.

Daniela Guizzo

Naffah, você é professor da PUC de São Paulo, professor do IBPW, da IWA, supervisor. Eu queria te perguntar como que você vê hoje a pesquisa winnicottiana no Brasil, as produções, as publicações. Queria te escutar um pouco em relação a isso.

Alfredo Naffah Neto

Olha, existem bastantes pessoas trabalhando. Eu já orientei muita dissertação e muita tese winnicottiana na PUC. Bastante. E com temas muito interessantes, por exemplo, a implantação daquele programa-canguru para bebês em UTI neonatal, aquele sistema em que a criança que nasce prematura fica ligada a mãe por uma membrana, feito um canguru. Orientei uma dissertação que foi a implantação desse método em uma UTI de crianças nascidas prematuras: todo o processo, as dificuldades enfrentadas, e tudo com interpretação winnicottiana. Orientei, também, um trabalho de análise winnicottiana com crianças institucionalizadas, crianças abandonadas, internadas em instituições: as dificuldades de uma análise winnicottiana dessas

crianças, que muitas vezes ficam numa instituição, sem terem visitas de mãe e nem de pai! São crianças que têm família e que são praticamente abandonadas na instituição.

Há muita coisa sendo feita, muita pesquisa sendo desenvolvida, e muitas delas em instituições, o que acho muito bom. Porque a psicanálise está se difundindo para além dos consultórios particulares, para os hospitais, para as instituições, e isso eu acho uma coisa muito boa. Toda essa geração nova de psicanalistas dos 20 e 30 e poucos anos, muita gente não trabalha mais em consultório particular. Trabalha em posto de saúde, trabalha em instituição, e leva toda a forma de cuidado que a gente aprende na análise winnicottiana para esses lugares. Isso eu acho uma coisa muito importante, quer dizer, o Brasil está precisando de um trabalho nesse nível institucional, hospitalar. Claro que nossas clínicas são importantes também, as pessoas que vão lá também merecem atenção e um cuidado refinado, mas é muito importante que isso possa estar alcançando também a população maior do Brasil.

Daniela Guizzo

Você vê então como crescente e positiva a pesquisa winnicottiana atualmente?

Alfredo Naffah Neto

Vejo, vejo, sim. Acho que tem muitas pessoas interessadas no Brasil e em outras partes do mundo também: vejo isso em Israel, vejo isso na França, e em alguns outros lugares, na China, onde vem se formando um pessoal, lá também! Acho que está se desenvolvendo.

Não é essa febre, como é a escola lacaniana, que se espalhou, é uma coisa mais localizada. A análise lacaniana se espalhou no Brasil, se ramificou no nordeste inteiro, é um outro tipo de fenômeno. Mas eu acho que a análise winnicottiana também está se desenvolvendo e tem muita gente interessada, muita dissertação de mestrado, tese de doutorado, desenvolvidas nesse âmbito. Você mesma fez uma tese sobre a Piggie lá na PUC, orientada pelo Zeljko Loparic.

Daniela Guizzo

Sim. E tem também o Instituto, que hoje forma terapeutas winnicottianos.

Alfredo Naffah Neto

Pois é, exatamente.

Daniela Guizzo

Lá você é professor, é supervisor coletivo. Isso é muito bom, não?

Alfredo Naffah Neto

Sim, sim, sim, sim. Formação de psicanalistas é uma tarefa árdua e é uma tarefa de vida inteira. Digo isso sempre. Quem quiser ser psicanalista tem que entender que é uma tarefa para a vida inteira. O que a gente aprende em uma formação são as bases primeiras para poder começar a

clínica e começar a estudar. E acho importante esse trabalho que o Instituto Brasileiro de Psicanálise Winnicottiana faz no sentido de dar formação para esse pessoal poder começar, mas tem que estudar a vida inteira. É uma profissão que exige estudo e refinamento ao longo da vida inteira.

Daniela Guizzo

Estudar, fazer análise e fazer supervisão, não é, Naffah?

Alfredo Naffah Neto

Isso, é isso aí.

Daniela Guizzo

Eu tinha a pretensão de fazer essa entrevista em 30 minutos, mas já ultrapassei, estamos em 42 minutos. O Instagram também automaticamente encerra a live, mas eu queria muito te agradecer por essa entrevista, pela sua participação ativa em tudo que se refere ao IBPW, pela generosidade da sua escrita. Falo por mim e acredito que por todos os seus alunos, supervisionandos. Aprendi muito com você, sigo aprendendo. Uma das coisas mais bonitas que vi nos colóquios Winnicott foi quando você fez uma análise sobre a Maria Callas. Você publicou esse trabalho?

Alfredo Naffah Neto

Publiquei. Foi publicado em um livro que fiz que se chama *Casta diva: Callas e a pulsão de morte*, das editoras Escuta/EDUEL. Mas nesse livro eu não trabalhei numa perspectiva winnicottiana, foi noutra perspectiva, trabalhei com o André Green, pois foi a partir de um seminário em que discuti a noção de *pulsão de morte*. Mas tem um outro texto meu sobre Callas que foi trabalhado na perspectiva winnicottiana, publicado primeiro na revista *Natureza Humana* e depois naquele livro *Winnicott na Escola de São Paulo*, lembra? Que o Instituto publicou? Está lá.

Daniela Guizzo

Que bom! Naffah, muito obrigada pela sua entrevista.

Alfredo Naffah Neto

Obrigado a vocês pela oportunidade de vir aqui falar um pouco do meu trabalho. Eu é que agradeço, Daniela.